

«Para você, que quer dizer ser preferido?»

«DEIXAR MARCAS NA HISTÓRIA DO MUNDO»

6. A permanência do acontecimento na história (o templo no tempo)

por Luigi Giussani*

2. A LEI GERADORA E DINÂMICA DA “COMPANHIA”: A ELEIÇÃO

A dilatação do Corpo de Cristo, que é a Igreja – a dilatação dessa unidade misteriosa –, é o ponto culminante e o sentido da criação que o Espírito de Cristo realiza ao investir, como um vento, sobre a realidade mundana, sobre o tempo e o espaço, transformando-os continuamente. O acontecimento desse organismo despertado por Deus para ser no mundo o ponto de atração e a meta, o ponto de partida e o resultado de tudo, tem uma lei geradora que é também a lei de seu desenvolvimento. O reino de Cristo é como um grande organismo, que tem por lei criadora e de crescimento, que o conduz até seu destino, até seu fim último – a glória total de Cristo¹ –, a lei da escolha ou eleição. Para que Cristo seja “tudo em todos”,² para que a glória de Cristo se manifeste como a forma e o conteúdo de todas as coisas – “Nele todas as coisas têm consistência”³ –, dá-se, feita por Deus, pelo Mistério, pelo Verbo do Pai, uma escolha ou eleição, um chamado. [...]

Cristo, o Enviado

O grande chamado, a grande escolha, a grande eleição que Deus realizou por seu desígnio no mundo é o chamado de Cristo, o Homem que dizia: “O que vejo meu Pai fazer, eu faço sempre. Eu não faço outra coisa a não ser o que vejo meu Pai fazer”.⁴ Essa misteriosa e eterna eleição de Cristo é o grande chamado que a tudo congrega e a tudo explica: o mundo, a vida de todos e de cada um, a história dos povos e de suas grandes migrações, cuja finalidade, segundo São Paulo, é a busca de Deus, do desígnio que Deus tem para sua existência e seu movimento.⁵ A eleição de Jesus Cristo coincide com a missão de tornar visível o desígnio misterioso que o Pai tem para todas as coisas. “Para isso fui *enviado*.”⁶ Se um homem qualquer, da época de Cristo, lhe dirigisse esta pergunta ao encontrá-Lo: “Quem és tu, afinal? Qual é teu nome?”, Jesus poderia ter respondido: “Eu sou o enviado do Pai” (*missus*, aquele que foi mandado pelo Pai).⁷ Enviado por Outrem: essa expressão implica o mistério no que diz respeito a Sua origem e »

¹ Cf. 1Cor 15,28.

² Cl 3,11.

³ Cl 1,17.

⁴ Cf. Jo 5,19-21.30.

⁵ Cf. At 17,22ss.

⁶ Cf. Jo 5,36; 6,57; 7,29; 8,42; 10,36; 11,42; 17,3-25; 20,21.

⁷ Cf. Hb 3ss.

* Do volume L. Giussani - S. Alberto - J. Prades
Deixar marcas na história do mundo,

Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo 2019, pp. 59-60, 61-62, 68, 71-72.

» a Seu fim, implica o mistério total de Sua pessoa, que, enquanto passível de ser encontrado na experiência e de ser constatado existencialmente, está ligada exatamente ao significado da palavra “enviado”. Se lermos os capítulos de 5 a 8 do Evangelho de João, e depois os capítulos finais, de 13 a 17, a palavra mais recorrente, empregada por Cristo em relação a si mesmo, é “enviado”. João fala insistentemente desta resposta dada por Cristo: Eu sou “o enviado do Pai”,⁸ Eu sou a expressão do mistério do Pai entre os homens, a presença, entre os homens, do Mistério que faz todas as coisas, a que todos os homens estão sujeitos. [...]

O Corpo de Cristo que se dilata no tempo e no espaço: a Igreja

[...] Jesus Cristo não é uma presença confinada na história distante, podendo até parecer um simples fruto da imaginação. Ele é uma Presença dez anos depois da Sua morte, mil anos depois da Sua morte, dois mil anos depois da Sua morte, até hoje, por intermédio dessa humanidade diferente dos santos, uma presença humana em que ninguém poderia pensar. [...]

Homens chamados

[...] Os apóstolos e seus sucessores entram, com Cristo, no fluxo de seu Espírito e participam da própria missão de Jesus. Introduzir a humanidade na relação definitiva com o mistério de Deus é sua função fundamental: é a tarefa para a qual foram escolhidos. E, com os bispos e os sacerdotes, todos os cristãos são chamados a fazer parte dessa escolha e da responsabilidade dessa função.⁹

“Chamou os que ele quis”, “toda carne que o Pai põe em suas mãos”, “que ele quis”: esse é o fundamento ontológico, o fator constituinte da vocação cristã enquanto tarefa no mundo. À frente de tudo está o fato de Cristo escolher-nos: escolha, eleição. Segundo a presunção do homem e a ideologia corrente, nada é mais irracional e antidemocrático que esta palavra: eleição, ser escolhido. Mas sem essa palavra nada existiria.

Antes havia o nada, o nada de todas as coisas, mas, mais precisamente, o nada de você e de mim: a palavra “eleição” marca a fronteira, o limiar entre o nada e o ser. Do nada, o ser floresce como escolha, como eleição: não há outra condição que possa ser aventada, não é possível pensar em outra premissa. Essa escolha e essa eleição são a pura liberdade do Mistério de Deus em ação, a expressão da liberdade absoluta do Mistério.

O Mistério de Deus, que se exprime como liberdade na escolha ou na eleição, vibra, pode e deve vibrar, com temor e tremor, com humildade absoluta, dentro da preferência humana, pois a preferência humana é a sombra da escolha da liberdade de Deus. Mas a escolha da liberdade de Deus, que elege Alguém, oculto como uma pequena flor invisível no ventre de Nossa Senhora, vale para o mundo inteiro. Por isso, o reflexo humilde da preferência, cheio de temor e tremor, só existe no homem por amor ao mundo, em virtude do benefício que é possível trazer ao mundo, por paixão ao mundo. E é admirável o paradoxo supremo dessa preferência, que escolhe e elege para abraçar o mundo, para arrebatá-lo consigo.

A escolha e a eleição, enquanto modo pelo qual a preferência é posta em prática, coincidem com um amor que se fixa em cada realidade viva, em cada homem vivo, em toda carne. “A ele deu autoridade sobre todo ser humano”:¹⁰ Cristo partilha com o homem que escolhe e elege o poder sobre toda carne.

⁸ Cf. Jo 8,25ss.

⁹ Cf. L. Giussani, *O senso de Deus e o homem moderno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, pp. 76-77.

¹⁰ Cf. Jo 17,2.